

AGRO S/A

REVISTA

EDIÇÃO 111 - 2026

ESPECIAL
MULHERES AGRO S/A:

MALU
ANCHIETA

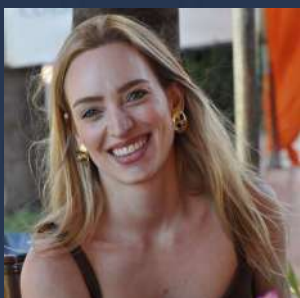
"UM MILAGRE NÃO SE ESCONDE."

Como a fé, a coragem e a gestão transformaram os maiores desafios da família Anchieta em uma história de liderança no campo

Nosso GRANDE negócio é simples: facilitar o seu.

Para nós, atrás de cada
negócio há uma pessoa
com os melhores objetivos.
Conte conosco.

Amj
ARMAZÉM
DE PRODUTOR PARA PRODUTOR



Marina Barbar Silva Aguetoni
Diretora Executiva da AMJ



Otávio Barbar Silva
Diretor Executivo da AMJ



Antonio Manoel da Silva Junior
Presidente da AMJ



Augusto Barbar Silva
Diretor Executivo da AMJ



Amj
ARMAZÉM
DE PRODUTOR PARA PRODUTOR

Para nós, atrás de cada negócio há uma
pessoa com os melhores objetivos.
Conte conosco.

  @amjarmazens

A conta da omissão

Ninguém gosta de pagar uma conta. Mas existe uma que sempre chega.

A conta da omissão.

Somos rápidos para apontar culpados. Criticamos governos, condenamos decisões, reclamamos dos impostos, da burocracia e da falta de planejamento. Mas quase nunca fazemos a pergunta que realmente importa.

O que estamos exigindo antes que o problema aconteça? Esperamos a enchente para falar de drenagem. Esperamos a seca para discutir água. Esperamos o prejuízo para lembrar do seguro. Esperamos a crise para cobrar planejamento.

Quando a tragédia acontece, todos procuram uma solução. Antes dela, quase ninguém cobra uma política permanente. Na agricultura isso é ainda mais evidente. O produtor convive todos os anos com riscos que não controla. Chuva demais. Chuva de menos. Geadas. Granizo. Pragas. Oscilações do mercado. Nenhuma dessas ameaças pode ser eliminada.

O que pode ser evitado é o imprevisto.

Países que aprenderam essa lição tratam gestão de risco como investimento. Nós ainda insistimos em tratá-la como despesa. Depois, quando a safra quebra, quando o crédito precisa ser renegociado, quando a economia sente os efeitos, a conta aparece.

E ela nunca fica apenas com quem plantou. Ela chega ao supermercado. Ao emprego. À inflação. Ao bolso de todos. É curioso perceber como discutimos o valor de um programa de prevenção, mas raramente questionamos o custo gigantesco da falta dele.

Planejar custa. Improvisar custa muito mais. Toda escolha produz consequências. Inclusive a escolha de não escolher. No fim, os riscos da natureza continuam sendo os mesmos.

O que muda é quem paga por eles. E essa é uma decisão que não pertence apenas aos governos. Pertence a uma sociedade que precisa decidir se continuará reagindo aos problemas ou se finalmente terá coragem de antecipá-los.

Porque a natureza manda a tempestade. A conta da omissão é sempre enviada por nós mesmos.



Expediente : Diretora Executiva: Maria Izildinha Locativo. Planejamento e Controle de Gestão: Lincoln Ribeiro. Financeira: Joeni Bagatini Gomes Tosta. Fotografia: Lincoln Ribeiro, Izildinha Lacativa. / Nota da Redação: A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados e/ou informações contidas em material publicitário

Grupo Vicente Lacativa de Comunicação (1929 - 2026)

Avenida 3, nº 752, Centro, Guará - SP / CEP 14.790-000 / Tel : (17) 98146-1993.

CNPJ 05 422 805/0001-47 / Email: agroizildinha@gmail.com

Tereos: Dia a dia, cultivando o futuro.

Com **inovação,**
responsabilidade
e excelência
operacional,
impulsionamos
a transformação
do agronegócio!



Acompanhe nossas
iniciativas e saiba mais
em nossos canais oficiais.

@   br.tereos.com





ÍNDICE

EDIÇÃO 111 | ANO 16 | 2026

- 08. PLANO SAFRA IGNORA REALIDADE DO CAMPO E AMPLIA PREOCUPAÇÃO
- 10. FAESP COMEMORA 86 ANOS DE HISTÓRIA
- 14. ASSISTÊNCIA TÉCNICA NO CAMPO
- 18. SALVA DE PRATA: JULIANA FARAH É HOMENAGEADA EM SÃO PAULO
- 22. ENCONTRO INTERNACIONAL



25. FLORES DO CAMPO

28. (CAPA) MALU ANCHIETA: A FORÇA QUE BROTA DA TERRA

45. ASTORGA EM NOITE HISTÓRICA

52. EXPOCITROS 2026

58. DIA DE CAMPO: DEDEAGRO E MORGAN

ARTIGO

PLANO SAFRA 26/27

Plano Safra ignora realidade do campo e amplia preocupação com o futuro da produção

Produtores afirmam que crédito não resolve o crescente endividamento e cobram uma política agrícola permanente para garantir previsibilidade ao setor

O anúncio do Plano Safra 2026/2027 voltou a frustrar as expectativas dos produtores rurais paulistas. Na avaliação da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faespa), o aumento de apenas R\$ 9 bilhões em relação ao ciclo anterior está longe de responder aos desafios enfrentados por quem produz alimentos, gera empregos e sustenta uma das principais atividades econômicas do país. O principal problema, segundo a entidade, não é apenas o volume de recursos, mas a falta de medidas concretas para enfrentar o crescente endividamento do setor.

Na prática, muitos produtores vivem uma realidade em que a situação econômica da propriedade não se traduz em saúde financeira. O patrimônio e a capacidade produtiva permanecem sólidos, mas o aumento dos custos, os juros elevados, as perdas climáticas e a dificuldade de acesso ao crédito têm comprometido o fluxo de caixa de milhares de propriedades. Sem uma solução para o passivo acumulado,



**TIRSO MEIRELLES, PRESIDENTE DO SISTEMA
FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO
ESTADO DE SÃO PAULO (FAESP)/SENAR-SP**

novos financiamentos deixam de cumprir seu papel de impulsionar investimentos e passam apenas a ampliar as dificuldades financeiras de quem está no campo.

Outro ponto que preocupa é a ausência de uma política agrícola estruturante e de longo prazo. A cada safra, produtores aguardam um novo anúncio sem saber quais serão as regras, os juros, os limites de financiamento ou a disponibilidade efetiva de recursos. Essa falta de previsibilidade impede o planejamento de investimentos que, na agricultura, muitas vezes exigem horizontes de cinco, dez ou até mais anos. Para a Faesp, o Brasil precisa substituir a política de anúncios anuais por um verdadeiro projeto de Estado, um Plano Brasil para o agro, capaz de oferecer estabilidade ao setor.

A Federação também defende que a agricul-

tura deve ser tratada de forma integrada. Embora existam características distintas entre os segmentos produtivos, o país precisa de uma política agrícola única, que reconheça a importância de todos os produtores, especialmente os pequenos e médios, responsáveis por mais de 70% das propriedades rurais do estado de São Paulo, por exemplo. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que recordes de produção não significam, automaticamente, aumento da renda ou do lucro para quem está na porteira. Grande parte da produção nacional está concentrada em um número reduzido de grandes propriedades, enquanto milhares de pequenos e médios produtores enfrentam margens cada vez mais apertadas.

Para a Faesp, também permanece sem solução um dos maiores gargalos da agropecuária brasileira: a fragilidade da política de seguro rural. Com cobertura limitada a uma pequena

parcela da área cultivada, o produtor continua excessivamente exposto aos riscos provocados por secas, enchentes, geadas e incêndios. Sem proteção adequada e convivendo com um ambiente de incerteza, muitos seguem dependendo mais da esperança do que de instrumentos eficientes de gestão de risco.

A entidade conclui que o Plano Safra somente produzirá os efeitos esperados quando vier acompanhado de medidas efetivas para reestruturar o endividamento dos produtores, ampliar o seguro rural, oferecer crédito compatível com a realidade do campo e estabelecer uma política agrícola permanente, com horizonte de médio e longo prazo. O agronegócio brasileiro não precisa apenas de novos anúncios. Precisa de previsibilidade, segurança jurídica e condições para continuar produzindo alimentos, gerando empregos e fortalecendo a economia nacional.



QUALIDADE, NOSSO COMPROMISSO

Plantamos, Produzimos e Transportamos o que o Brasil tem de melhor, o AGRONEGÓCIO.



AGUETONI
TRANSPORTES

RODOTAC
TRANSPORTES

AGUETONI
AGROPECUÁRIA

AGUETONI
AGRÍCOLA

www.aguetoni.com.br



FAESP COMEMORA 86 ANOS DE HISTÓRIA

A história da entidade é marcada por força, união e a consolidação do agro paulista como um dos protagonistas da economia brasileira

Os 86 anos da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (FAESP) foram lembrados em um momento especial durante o 3º Encontro de Lideranças do Agro Paulista, realizado em Campinas, reunindo presidentes de sindicatos rurais, lideranças do setor e representantes políticos de diversas regiões do Estado.

A homenagem aconteceu durante um jantar de confraternização, quando os participantes cantaram os tradicionais “Parabéns a Você”, reconhecendo a trajetória da entidade que, ao longo de mais de oito décadas, se con-



solidou como uma das principais defensoras dos interesses do produtor rural paulista.

Fundada em 1940, inicialmente como Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo (FAESP), a instituição nasceu da união de produtores que compreenderam a importância de fortalecer a representação do campo. Ao longo dos anos, transformou-se na atual FAESP, ampliando sua atuação na defesa da agropecuária, da qualificação profissional e do desenvolvimento dos sindicatos rurais.

Em sua trajetória, a Federação teve papel decisivo na consolidação do sistema representativo do agro paulista e nacional. Sob a liderança do presidente emérito Fábio de Salles Meirelles, contribuiu para importantes conquistas do setor, entre elas a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), referência na formação e capaci-



tação de produtores e trabalhadores rurais.

Hoje, sob a presidência de Tirso Meirelles, a FAESP segue fortalecendo sua atuação por meio de investimentos em assistência técnica, inovação, qualificação profissional e defesa dos interesses do homem e da mulher do campo, mantendo o compromisso de





apoiar os sindicatos rurais e impulsionar o desenvolvimento da agropecuária paulista.

A comemoração dos 86 anos simbolizou muito mais do que uma data histórica. Representou o reconhecimento de uma instituição construída pela união das lideranças rurais e que continua desempenhando papel fundamental no fortalecimento do agronegócio paulista e brasileiro.







ASSISTÊNCIA TÉCNICA NO CAMPO

CAPACITAÇÃO, PLANEJAMENTO E FORTALECIMENTO DAS EQUIPES MARCARAM O SEGUNDO DIA DO ENCONTRO DE LIDERANÇAS, EM CAMPINAS

Mais de 1.200 profissionais do SENAR-SP participam de encontro que reforça nova fase da assistência técnica no campo

Apresentada por Andressa Biata no Agrishow Pra Elas, Juliana Farah emocionou ao falar sobre liderança, união e o papel das mulheres que passaram a ocupar novos espaços dentro do agronegócio brasileiro.

A presidente da Comissão Semeadoras do Agro, Juliana Farah, destacou durante o encontro que a grande missão do movimento é tirar as mulheres da invisibilidade dentro do agro. Segundo ela, muitas trabalham diariamente nas propriedades, participam da produção e da gestão, mas ainda sem reconhecimento ou autonomia financeira.





Durante a conversa conduzida por Andressa Biata no espaço Agrishow Pra Elas, Juliana falou sobre como o movimento vem crescendo dentro do estado de São Paulo através de parcerias com sindicatos rurais, Senar e Sebrae, promovendo capacitação, empreendedorismo, saúde preventiva e fortalecimento feminino no campo.

Ela também comentou que o perfil da mulher dentro da Agrishow mudou. Antes, muitas visitavam a feira acompanhando os maridos. Hoje, chegam interessadas em tecnologia, gestão, inovação e tomada de decisão dentro das propriedades rurais.



Outro ponto forte da palestra foi a defesa da união feminina no agro. Juliana reforçou que o objetivo não é competir com os homens, mas caminhar ao lado deles, ocupando espaços de liderança com preparo, presença e participação ativa.

A Comissão Semeadoras do Agro também teve forte presença prática na Agrishow 2026. Dentro da Arena Agrishow Pra Elas, o espaço "Semear é Cuidar" ofereceu atendimentos voltados à saúde e bem-estar, como testes de glicemia, aferição de pressão arterial e bioimpedância. Além disso, o encontro "Mulheres do Agro em Ação" reuniu cerca de 650 mulheres durante a feira em Ribeirão Preto.







“ Quando a contabilidade é feita com visão estratégica, ela deixa de ser custo e se torna ferramenta essencial de crescimento, proteção patrimonial e geração de valor”.

Endereço: R. 8, Nº 781 - CENTRO, Guaíra - SP, 14790-000
Telefone: (17) 3331-7989

SALVA DE PRATA

A FORÇA DAS MULHERES DO
AGRO CONQUISTA
RECONHECIMENTO NA MAIOR
CÂMARA MUNICIPAL DA
AMÉRICA LATINA

Existem homenagens que enaltecem uma trajetória.

Outras eternizam um movimento.

A entrega da Salva de Prata da Câmara Municipal de São Paulo à presidente das Semeadoras do Agro, Juliana Farah, pertence à segunda categoria. Ao receber a honraria das mãos da deputada estadual Sonaira Fernandes, o reconhecimento ultrapassou a figura de uma única liderança. Naquele instante, milhares de mulheres do campo também foram homenageadas.



Cada uma representava uma história de superação, aprendizado e coragem construída nos mais diferentes cantos do Estado de São Paulo.



Ao longo dos últimos quatro anos, as Semeadoras do Agro deixaram de ser apenas um programa de capacitação. Tornaram-se um movimento capaz de fortalecer mulheres, ampliar horizontes e mostrar que conhecimento também transforma a realidade dentro das propriedades rurais.

Hoje, produtoras, administradoras, empreendedoras, artesãs e trabalhadoras do campo ocupam espaços que antes pareciam distantes. Assumem decisões, participam da gestão dos negócios familiares, conquistam autonomia e descobrem uma nova forma de enxergar o próprio potencial.

Durante a cerimônia, o presidente do Sistema Faesp/Senar, Dr. Tirso Meirelles, lembrou que esse trabalho começou ainda na gestão do Dr. Fábio Meirelles, sempre com o apoio da presidente de honra das Semeadoras do Agro, Ivelle Meirelles, que acreditaram na importância de



fortalecer o protagonismo feminino dentro do agronegócio paulista.

“A mulher tem uma visão diferente. Ela leva sensibilidade, acolhimento e uma forma espe-





cial de enxergar as pessoas. Quando participa, tudo ganha mais vida. Fortalecer a mulher do agro é um dos maiores legados que podemos construir.”

A solenidade reservou outro momento marcante. Em reconhecimento ao apoio constante às mulheres do campo, Sonaira Fernandes recebeu o título de primeira Embaixadora das Semeadoras do Agro.

Ao agradecer a homenagem, a deputada destacou que a mulher brasileira segue conquistando espaço sem abrir mão da luta por respeito, proteção e representatividade.

“A mulher do agro é forte. A mulher brasileira é resiliente. Já avançamos muito, mas ainda temos muito a conquistar.”

Sonaira também fez questão de reconhecer o trabalho desenvolvido por Juliana Farah e pelas Semeadoras do Agro.

“Toda vez que precisamos, as Semeadoras do

Agro estiveram ao nosso lado. Esse é um trabalho sério, que transforma vidas e fortalece as mulheres do nosso Estado.”

Representando as Semeadoras, Eneida, de Ribeirão Bonito, resumiu em poucas palavras o sentimento compartilhado por centenas de participantes.

“Juliana mudou a nossa vida. Hoje olhamos para nós mesmas de outra forma. Temos orgulho de representar as mulheres do agronegócio.”



Quando chegou sua vez de falar, Juliana Farah dividiu a homenagem com todas as mulheres que caminham ao lado do movimento.

Visivelmente emocionada, afirmou que jamais imaginou receber uma das mais importantes honrarias concedidas pela Câmara Municipal de São Paulo.

“Essa homenagem pertence a cada mulher que acredita nesse projeto e caminha conosco.”

Juliana também agradeceu ao presidente Dr. Tirso Meirelles, à diretoria da Faesp/Senar e aos presidentes dos sindicatos rurais, lembrando que o crescimento das Semeadoras do Agro só foi possível porque encontrou pessoas dispostas a acreditar na força das mulheres.

“Não poderíamos deixar de agradecer ao nosso presidente, à diretoria e aos dirigentes dos sindicatos, que nunca deixaram que desistíssemos.”

Ela relembrou a intensa rotina construída ao longo dessa jornada.

“Foram quatro anos de desafios. Há semanas em que percorremos mais de cinco mil quilômetros de carro para levar conhecimento, oportunidades e fortalecer as mulheres do agro.”

Ao final da cerimônia, ficou evidente que a Salva de Prata representava muito mais do que uma homenagem institucional.

Ela reconheceu milhares de mulheres que decidiram ocupar novos espaços, investir no conhecimento e acreditar na própria capacidade.

As Semeadoras do Agro seguem escrevendo essa história todos os dias. Uma história que começou com a coragem de plantar oportunidades e que hoje colhe autonomia, liderança e transformação em cada sindicato rural, em cada propriedade e em cada mulher que descobriu que também pode ser protagonista da sua própria trajetória.





ENCUENTRO INTERNACIONAL

Assunção se prepara para receber o 2º Encontro Internacional de Mulheres Protagonistas do Agro

Com o tema “Quando ela avança, o agro avança”, foi lançada oficialmente a segunda edição do Encontro Internacional de Mulheres Protagonistas do Agro, que será realizado nos dias 16 e 17 de novembro, no Centro de Convenções Paseo La Galería, em Assunção, Paraguai.

O lançamento aconteceu durante a Expo Paraguai ARP 2026 e reuniu autoridades, lideranças do agronegócio, empresários, instituições e representantes da imprensa.

Idealizadora do projeto, Jaqueline Messomo destacou o crescimento da participação feminina no agro paraguaio e a importância de



ampliar os espaços de liderança. Atualmente, 37% das propriedades rurais do Paraguai são administradas por mulheres, enquanto quase 30% dos estudantes dos cursos ligados ao agro também são do sexo feminino.

Segundo ela, o encontro foi criado para fortalecer conexões, incentivar a troca de experiências e oferecer ferramentas que contribuam para o crescimento profissional e empresarial das mulheres do setor.

A programação reunirá especialistas nacionais e internacionais para debater temas como inovação, tecnologia, mercados, empresa familiar, liderança, financiamento e desenvolvimento dos negócios agropecuários. O evento também contará com momentos de networking e integração entre produtoras, profissionais e empresárias de diversos países.

Após reunir mais de 600 participantes de seis nações em sua primeira edição, o encontro



consolida-se como uma das principais iniciativas voltadas ao protagonismo feminino no agronegócio sul-americano.

A Revista Agro S/A acompanhará esse importante momento e levará aos leitores a cobertura completa diretamente de Assunção, reforçando seu compromisso de conectar o agro brasileiro às grandes iniciativas internacionais que fortalecem o setor.



CONVITE

ENCONTRO ESTADUAL DE MULHERES DO

agro

4ª edição

*Amor em cada semente,
força em cada negócio.*

*Um dia para aprender,
compartilhar, inspirar e conectar.*

*Porque toda trajetória
merece ser compartilhada.*

28 DE AGOSTO

8h15 • Taiwan Centro de Eventos
Ribeirão Preto/SP

Clique aqui
e inscreva-se!



SINDICATOS
RURAIS





FLORES DO CAMPO

Holambra recebe encontro que une mulheres do agro, conhecimento, flores e experiências inesquecíveis

Há lugares que ensinam. Outros encantam. Holambra consegue fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Nos dias 8 e 9 de outubro, a cidade das flores será palco de um encontro pensado para mulheres que acreditam na força do conhecimento, das conexões e da troca de experiências como ferramentas para crescer no agro e na vida.

AGRO S/A 23

A programação terá início na manhã do dia 8 de outubro, com a recepção das participantes e a abertura oficial conduzida pela idealizadora do projeto, Lídia Van Der Ven. Na sequência, Edna Gondoni apresenta a palestra “Decida Vencer”, trazendo uma mensagem de motivação e superação.

Entre os assuntos técnicos, a advogada especialista





em agronegócio Lilian Toso conduzirá um bate-papo sobre os impactos da Reforma Tributária no Agronegócio, enquanto Thaya Marcondes apresentará a palestra “Agro é Luxo”, mostrando como o setor tem agregado valor e fortalecido sua imagem.

A programação também reserva um momento



especial com Sônia Bonato, uma das grandes referências do agronegócio brasileiro, e a participação de Juliana Farah, presidente da Comissão Semeadoras do Agro da FAESP, que falará sobre liderança, propósito e o crescimento da presença feminina no campo.

Durante a tarde, o foco será o desenvolvimento pessoal e profissional. A roda de conversa reunirá Malu Anchieta, Laís Bervind, Maira Lelis e Patrícia Zavioto, com mediação de Joelma Leite, abordando temas como comunicação, saúde, liderança e desenvolvimento humano.

Na sequência, Thamara Helena D'Angieri conduzirá o momento “Flores que Falam, Quando a Semente Vira Amor, Força e Emoção”, seguido por um momento dedicado ao cuidado e à autoestima com Andreia Oliveira e Nayara. Encerrando a programação do



primeiro dia, Lilian Gimenez proporcionará uma experiência sensorial voltada ao bem-estar das participantes, antes do happy hour de integração.

Muito além das palestras

No dia 9 de outubro, Holambra deixa de ser apenas cenário e se transforma em uma verdadeira sala de aula a céu aberto.

As participantes conhecerão de perto a produção de orquídeas da empresa Ven Flor, visitarão as estufas de plantas ornamentais do Sítio Brumado e terão a oportunidade de entender o funcionamento de uma cooperativa de insumos voltada ao agronegócio.

Após o almoço, a programação segue para um dos momentos mais aguardados do encontro: a visita à Cooperativa Veiling Holambra, a maior cooperativa de flores e plantas da América Latina. Além de conhecer sua estrutura, as participantes

acompanharão o tradicional leilão de flores, um sistema moderno que impressiona pela organização, tecnologia e velocidade das negociações.

Mais do que um evento, o encontro foi planejado para proporcionar uma experiência completa, reunindo conteúdo técnico, desenvolvimento pessoal, relacionamento, empreendedorismo e vivências em um dos maiores polos de floricultura do país.

Durante dois dias, Holambra será palco de novas conexões, aprendizado e descobertas, mostrando que o agronegócio também floresce quando conhecimento, pessoas e oportunidades caminham juntos.





MALU ANCHIETA

A Força que Brota da Terra

A jornada de Malu Anchieta entre as vitrines de Birigui, as batalhas invisíveis da fazenda e a liderança no agro paranaense

Malu Anchieta costuma sorrir com a leveza de quem reconciliou o passado quando lembra da própria definição antes de pisar na terra vermelha do Paraná. Criada entre a elegância dos tecidos, a delicadeza das vitrines e o ritmo acelerado das tendências em Birigui, polo da indústria calçadista e de moda no interior paulista, sua vida parecia ter um trilho perfeitamente desenhado. Trabalhou por mais de 17 anos na empresa da família.

Vendeu tecidos, desfilou como modelo, conhecia o ambiente urbano como a palma da mão e





mantinha uma rotina completamente distante da poeira das estradas rurais, do cheiro característico de terra molhada e das botinas pesadas que, anos mais tarde, se tornariam sua segunda pele.

Ela própria brincava ao se definir como “a patricinha da cidade”. Não havia tom de constrangimento nessa fala, mas a constatação de uma distância astronômica entre a jovem que viveu entre lojas, cafés e escritórios climatizados e a mulher que viria a liderar uma das trajetórias mais resilientes do agronegócio regional. Naquele tempo, nenhum sinal no horizonte indicava que o destino a colocaria diante do gerenciamento de uma fazenda em Astorga e de uma forma profundamente nova de enxergar o valor da vida.

A verdadeira formação de Malu, no entanto,



começou muito antes de ela aprender o que era uma safra, um talhão ou um custo de produção. Muito antes de tocar a terra, ela acompanhava os pais pelas estradas simples do interior de São Paulo. Seu pai seguia uma rota comercial de vendas com um motorista, enquanto sua mãe, Selminha, trilhava o próprio caminho. Muitas vezes, a pequena Malu caminhava ao lado da mãe, entrando em pequenas lojas, mercadinhos e casas simples, presenciando encontros com pessoas das mais variadas origens.

Na infância, para Malu, aquilo era apenas mais um dia de acompanhamento. Apenas com o amadurecimento dos anos ela compreenderia que aquelas viagens eram, na verdade, sua primeira grande escola de humanidade. Selminha possuía uma virtude rara: nunca olhava primeiro para a classe social, a cor, o poder aquisitivo ou a posição de quem quer que fosse.

Enxergava a pessoa antes da circunstância. Sempre tinha uma palavra de incentivo, uma oração sincera ou um conselho acolhedor para quem estivesse desanimado. “Confia no Senhor”, dizia Selminha, com uma fé viva e contagiosa. Malu absorveu aquele jeito de acolher sem perceber. Carregou consigo uma herança imaterial infinitamente maior do que qualquer patrimônio financeiro: a arte de tratar cada ser humano com dignidade absoluta. O

Despertar do Sonho e a Noite de Araçatuba

A herança moral de Selminha ainda não apontava para a agricultura, mas pavimentava o caráter da mulher que, décadas mais tarde, precisaria caminhar ao lado de sua família em momentos de escuridão, medo e reconstrução. Na juventude, a estabilidade de Birigui parecia inabalável. Malu tinha um bom salário, carteira assinada, identidade profissional consolidada e um cotidiano seguro. Não havia razão alguma para imaginar que trocaria a cidade pelo campo.

O ponto de inflexão na vida de Malu tinha nome e sobrenome: Fred. Os dois praticamente cresceram com os quintais emparelhados. As casas de suas famílias eram vizinhas de fundos, separadas apenas por um muro alto de alvenaria. Durante a infância, o muro era uma barreira intransponível e não havia convivência diária. Fred era apenas uma figura na paisagem do bairro. O encontro real só aconteceu na adolescência, quando Malu tinha entre 16 e 17 anos. A barreira de tijolos ruiu para dar



lugar a um namoro sólido e a um compartilhamento de vida que atravessaria décadas.

Foi com o avançar do namoro que Malu conheceu o sonho guardado que Fred carregava no peito. Um sonho ligado às terras abertas por seu avô, Gregório, no norte do Paraná. Para Fred, aquela fazenda nunca fora apenas um ativo imobiliário ou uma extensão de hectares; era a história viva de sua linhagem, uma construção iniciada antes dele e que ele enxergava como uma responsabilidade sagrada. Desde jovem, Fred deixava claro: se o pai um dia pedisse, ele largaria tudo para assumir a terra.

A fazenda permanecia distante, no estado vizinho, mas nunca ausente. Era uma promessa silenciosa enquanto a vida dos dois fluía em São Paulo. Malu ouvia aqueles relatos na juventude como quem escuta uma história sobre um futuro hipotético, daqueles que parecem longe demais para se tornarem urgentes. Mas a vida tem um tempo próprio para cobrar promessas.

Após quase duas décadas de vida construída em Birigui, o telefone tocou. O pai de Fred

precisava dele no Paraná. Chegara a hora de honrar a palavra e assumir a gestão da fazenda. Fred conhecia a profundidade do impacto que aquele pedido causaria na vida de Malu. Sabia que tirá-la de seu ambiente, de sua família e de sua carreira de 17 anos seria um choque. Receoso de uma resposta negativa ou de uma resistência compreensível, Fred decidiu preparar o que parecia a cena de um filme. Planejou uma noite romântica impecável na vizinha cidade de Araçatuba, com jantar sofisticado, hotel e passeio.

Malu, que conhecia o marido em cada detalhe, percebeu imediatamente que havia algo denso por trás de tamanha produção. Na manhã seguinte, a revelação veio: “Meu pai precisa de mim no Paraná. É hora de ir”. A reação de Malu desmontou qualquer tensão. Com um sorriso e sem qualquer drama, ela olhou para Fred e disse que ele não precisava de noites elaboradas para fazer a pergunta. “Claro que eu vou com você”, respondeu. Não tratou a mudança como um sacrifício ou como uma moeda de troca para o futuro. Caminhar ao lado do marido era a escolha de sua vida. O sim foi imediato; as incertezas, contudo, viriam na bagagem.



Fronteira da Mudança e os Primeiros Passos no Paraná

Sair de uma cidade com mais de cem mil habitantes, com infraestrutura consolidada e rede de apoio familiar, para encarar o interior do Paraná exigiu uma reconfiguração mental profunda. A primeira grande questão logística e afetiva era a criação de Maria Fernanda, a primeira filha do casal, que tinha apenas um ano de idade na época. O casal avaliou se fixar em centros urbanos maiores do estado, como Maringá ou Londrina, cidades que ofereciam um padrão de serviços mais próximo do que Malu conhecia em São Paulo.

No fim, a decisão recaiu sobre Astorga. A cidade menor oferecia a proximidade geográfica necessária com a fazenda e a tranquilidade desejada para criar uma família. No entanto, a escolha do endereço resolveu apenas a fachada da transição. A verdadeira mudança aconteceria do lado de dentro da porteira.

Quando chegaram à propriedade rural no Paraná, o cenário não era o de um império do agronegócio perfeitamente estruturado. A área sob cultivo próprio ainda era reduzida. Fred possuía grande vivência com pecuária, mas enfrentava o desafio de dominar a agricultura de grãos em escala. Precisava aprender o ritmo do solo, a dinâmica do clima paranaense, as janelas de plantio e a complexidade do manejo de safras. Fazia isso observando os vizinhos, conversando com agrônomos, testando e errando.

Malu começou exatamente do zero. Tornou-se uma leitora atenta de uma realidade que lhe era totalmente estranha. No início, ela não tomava decisões operacionais; apenas acompanhava Fred nas caminhadas pela terra, ouvia as reuniões com parceiros e tentava decifrar o



vocabulário técnico que começava a invadir a mesa de jantar. Palavras como adubação, pulverização, contrato de parceria, custeio e produtividade por alqueire passaram a substituir as conversas sobre tecidos, coleções de moda e vitrinismo.

A expansão da fazenda ocorreu gradualmente. Terras da família que estavam arrendadas ou sob a gestão de terceiros começaram a retornar para as mãos do casal. Com mais terra, veio mais responsabilidade e uma exigência financeira multiplicada. Malu percebia que a fazenda não era apenas um negócio, mas um organismo vivo que exigia presença constante.

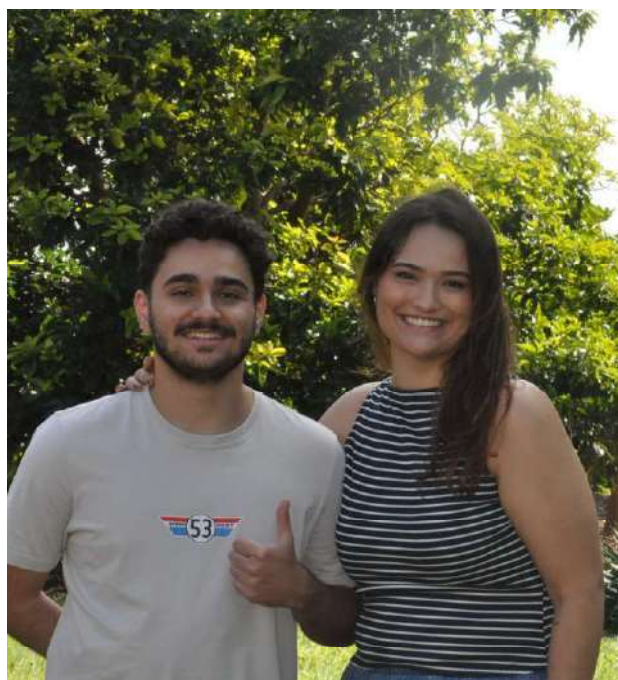
Havia medo. O medo do isolamento, a angústia de estar longe dos pais e a responsabilidade gigante de proteger uma filha pequena em um ambiente rural. Mas o arrependimento jamais fez morada em seu coração. A “patricinha de Birigui” começava a entender que sua história no Paraná não seria a de uma espectadora do sonho do marido, mas a de uma coautora que em breve seria testada em limites que ela jamais imaginara existir.

A Maternidade Testada na Forja do Medo

Com o passar dos anos, a família encontrou sua rotina no Paraná. A fazenda respondia ao trabalho duro e a vida parecia confirmar que a mudança fora a escolha correta. Maria Fernanda crescia como uma menina extremamente competente, estudiosa e independente. Pouco tempo depois, a família se completou com a chegada do caçula, Fred Filho, nascido em solo paranaense, “um pé-vermelho legítimo”, como Malu gosta de dizer com indisfarçável orgulho.

Malu sempre olhou para os dois filhos como a razão de sua existência. No entanto, a maternidade, que lhe trazia alegrias profundas, também foi o território onde ela conheceu seus terrores mais paralisantes. Fred Filho era ainda um bebê de aproximadamente um ano e meio quando os primeiros sinais alarmantes começaram a surgir. De forma repentina e sem aviso prévio, o menino perdia o fôlego, ficava completamente roxo e entrava em colapso respiratório. Qualquer esforço físico simples, o ato de correr, gargalhar ou brincar no quintal, podia desencadear uma crise assustadora.

A casa viveu sob um estado de vigilância constante e exaustiva. A infância do menino passou a ser filtrada pelo olhar apreensivo dos pais, que precisavam interromper suas brincadeiras antes que o coração acelerasse demais. Um episódio marcante desse período ilustra a forma como a vida de Malu parecia ser guiada por uma preparação invisível: um dia antes de uma das piores crises do filho, Malu havia participado de um curso básico de primeiros socorros oferecido pelo Senar em uma cooperativa da região. Naquele momento, achou que era apenas mais um aprendizado geral. No dia seguinte, com o filho sem ar em seus braços, foram exatamente as manobras aprendidas



naquela aula que salvaram a vida do menino até a chegada do socorro.

Após uma maratona de consultas médicas, exames complexos e viagens a centros hospitalares, veio o diagnóstico: síndrome de Wolff-Parkinson-White. Trata-se de uma alteração cardíaca congênita caracterizada pela presença de uma via elétrica acessória no coração, como um “fiozinho a mais”, conforme os médicos explicaram didaticamente à família, capaz de provocar taquicardias e arritmias graves e potencialmente fatais.

A rotina familiar foi completamente reorganizada. Enquanto Maria Fernanda seguia seu caminho escolar de forma autônoma, Fred Filho exigia um cuidado milimétrico. As safras na fazenda não podiam parar, as máquinas precisavam ir para o campo e os compromissos financeiros se acumulavam, mas cada crise do caçula lembrava a Malu e Fred que a prioridade absoluta da vida não estava mensurada em sacas de soja, mas nos batimentos cardíacos daquele menino.

A Sombra da Depressão e o Julgamento Alheio

Se a saúde do filho menor exigia um esforço físico e emocional constante, uma tempestade ainda mais silenciosa e devastadora começou a se desenhar dentro de casa. Fred, o homem forte que arrastara a família para o Paraná em nome de um sonho de linhagem, começou a afundar nas águas escuras de uma depressão severa e incapacitante.

A doença não chegou de uma vez; foi se instalando em camadas. O estresse acumulado da gestão rural, o peso das dívidas de expansão, a responsabilidade com a terra do avô e a própria vulnerabilidade emocional do marido culminaram em um quadro de prostração profunda. O homem dinâmico e proativo deu lugar a alguém consumido pela dor da alma, sem forças para sair da cama ou tomar decisões simples sobre o destino da lavoura.

Ao falar sobre esse período, Malu não usa frases prontas de autoajuda. Fala com a memória dolorida de quem esteve no fundo do poço ao lado de quem ama. Com o adoecimento visível de Fred, a sociedade ao redor, parentes distantes, conhecidos e pessoas do meio rural, começaram a emitir julgamentos apressados e conselhos venenosos.

Malu precisou ouvir de tudo:

“Você é jovem e bonita, larga tudo.”

“Vai viver a sua vida em São Paulo.”

“Esse homem não vai se levantar mais, arrume outra pessoa.”

“Você vai afundar junto com ele e com essa fazenda.”

O mundo exterior enxergava apenas a carcaça de um negócio em risco e um homem

“

Eu ouvi de tudo. Mas o nosso propósito era envelhecer juntos. Eu permaneci porque me recusava a deixar que a doença resumisse o homem que eu escolhi amar.

Malu Anchieta

temporariamente quebrado pela doença. Malu, no entanto, recusava-se a olhar para Fred através da lente da enfermidade. Quando olhava para o marido, enxergava o “menino atrás do muro”. Lembrava-se do jovem visionário que a encantara, do pai amoroso e do parceiro que planejava um jantar em Araçatuba por ter medo de perder o seu amor. Lembrava-se do pacto silencioso que haviam feito: envelhecerem juntos, sentarem-se na varanda da fazenda na velhice e assistirem aos netos correndo pelo gramado.

Malu tomou a decisão consciente de ficar. Não por conformismo ou submissão, mas por um amor visceral e por uma fidelidade incondicional aos seus valores. Ela se recusou sumariamente a permitir que um diagnóstico psiquiátrico definisse o fim da história do homem com quem escolhera construir a vida.



A Despedida de Selminha e a Sucessão de Golpes

A permanência de Malu ao lado de Fred teve um custo emocional altíssimo. A depressão do marido projetava uma sombra densa sobre toda a estrutura da casa. E a vida parecia não dar tréguas. No auge dessa crise, em um final de ano particularmente duro em que Malu não pôde viajar para passar o Natal com sua família em São Paulo, pois precisava acompanhar pessoalmente a pulverização da lavoura e a gestão de insumos, sua mãe, Selminha, decidiu ir ao seu encontro em janeiro.

Malu guarda essa visita como um tesouro sagrado. Selminha passou dias tranquilos na propriedade de Astorga. Caminhava sem pressa entre as plantas, colhia frutas no pomar e passava horas observando os passarinhos bicando os mamões maduros. Entre uma caminhada e outra, a mãe conversava com a filha. Não fez discursos teológicos complexos nem dramatizou a dor de Malu. Apenas olhou nos olhos da filha e disse exatamente o que ela precisava ouvir para não desmoronar: disse que Malu estava cumprindo o propósito correto, que o reconhecimento dos homens não importava e que ela deveria continuar honrando sua família e sua terra.

Aquela visita foi uma despedida velada. Poucas semanas após retornar a São Paulo, Selminha adoeceu subitamente. Em menos de trinta dias, faleceu.

A perda da mãe deixou um vazio imensurável em Malu. Ela compreendeu que a vinda de Selminha à fazenda fora um ato de bênção final, um gesto para confirmar que a filha estava no caminho certo antes de a matriarca partir. Mas a dor não chega com hora marcada e não espera o luto terminar.



Logo após a morte de Selminha, a filha mais velha, Maria Fernanda, que sempre fora o pilar de estabilidade emocional da casa, desmoronou sob o peso do estresse acumulado. A jovem desenvolveu quadros graves de ansiedade e depressão, apresentando espasmos decorrentes de um transtorno dissociativo motor e um diagnóstico doloroso de fibromialgia.

Mais uma vez, a família se viu diante de uma doença “invisível” aos olhos do público. Pessoas de fora julgavam os sintomas de Maria Fernanda como frescura ou exagero. Malu, que aprendera com a mãe a enxergar a alma humana antes de qualquer rotulagem, fechou as portas da casa

para o julgamento externo e abriu os braços para acolher a filha. A casa dos Anchieta tornou-se um hospital da alma: o pai enfrentava a depressão, o filho convivia com o risco cardíaco e a filha lutava contra dores crônicas e espasmos. E no centro desse furacão, mantendo a estrutura de pé, estava Malu.

O Milagre na Noite de Astorga

Quando parecia que a capacidade de suportar a dor havia atingido o limite absoluto, a vida exigiu um teste ainda mais dramático da família Anchieta. Fred Filho, já mais crescido, vinha apresentando episódios de hemorragia intestinal que estavam sob acompanhamento médico. Nada parecia indicar um risco iminente de morte.

No entanto, em um dia de intenso trabalho no campo, Malu chegou em casa no final da tarde e encontrou o jovem em estado de choque dentro do banheiro. O sangramento se tornou uma hemorragia incontrolável. O chão do cômodo estava lavado de sangue. Diante dos olhos horrorizados da mãe, o rapaz começou a perder os sentidos, ficando completamente pálido e com os lábios arroxeados.

Sem pensar duas vezes, Malu e Fred colocaram o filho no carro e voaram em direção ao hospital municipal de Astorga. A distância parecia infinita. Ao entrarem no pronto-socorro, o médico plantonista, Doutor Darci, percebeu a gravidade extrema do quadro. Era exatamente o horário de troca de plantão, e a esposa de Darci, a também médica Doutora Rosana, já o aguardava para ir embora para casa.

Ao ver a vida do jovem se esvaindo, Rosana não hesitou: tirou o casaco, cancelou o compromisso e assumiu o atendimento ao lado do marido.



Com a saturação do filho caindo drasticamente e a pressão arterial despencando, Malu entendeu que a medicina humana fizera o que era possível. Ela se ajoelhou no corredor do hospital e entregou a vida do filho nas mãos de Deus.

Fred Filho foi transferido às pressas em uma UTI móvel para um hospital de alta complexidade em Londrina, acompanhado pessoalmente pela Doutora Rosana — a quem a família se refere até hoje como um anjo enviado do céu. Foram dez dias de internação UTI, quatro bolsas de sangue transfundidas e uma bateria exaustiva de exames de imagem e laboratoriais.

Para a surpresa de toda a equipe médica de Londrina, os exames não conseguiram encontrar nenhuma perfuração, lesão vascular

ou explicação clínica para a origem daquela hemorragia devastadora. O sangramento simplesmente cessou. Na alta hospitalar, o médico responsável olhou para Malu e pronunciou a frase que ficaria gravada a fogo em sua memória: “Mãe, a ciência não explica o que aconteceu aqui. Isso foi um milagre”.

Mais tarde, a família receberia também o diagnóstico de que Fred Filho estava no espectro autista (Nível 1 de suporte). Aquela revelação não veio como um fardo, mas como uma chave de leitura. A família finalmente compreendera as particularidades do jovem e aprendeu a respeitar o tempo e a forma dele de processar o mundo.

A Virada de Gestão **“Eu Não Sei, Mas Quero Aprender”**

A casa dos Anchieta era uma fortaleza ferida, mas a fazenda não esperava. As safras de soja e milho possuem um calendário biológico implacável: a terra precisa ser preparada, a semente precisa cair no chão na janela correta, as pragas precisam ser combatidas e a colheita precisa ser feita. Os bancos não suspenderam os vencimentos das parcelas e as cooperativas exigiam o cumprimento dos contratos de entrega de grãos.

Com Fred afundado na fase mais aguda de sua depressão e impossibilitado de gerenciar a propriedade, Malu percebeu que a passividade seria a certidão de óbito de tudo o que haviam construído. Ela não podia mais ser apenas a esposa que acompanhava o marido de longe. Era hora de tomar as rédeas da fazenda.

O problema era brutal: Malu não tinha formação agrônoma, não entendia de finanças rurais e não sabia como negociar com fornecedores de



insumos. Mas possuía duas armas imbatíveis: humildade e uma determinação feroz. Ela olhou para a equipe de funcionários, para os agrônomos e para os gerentes de banco e pronunciou a frase que mudaria seu destino: “Eu não sei nada disso. Mas eu quero aprender. E vocês vão me ensinar”.

A transição foi dolorosa. Fred, nos momentos de lucidez e trégua da depressão, ajudava como podia. As orientações muitas vezes vinham pelo telefone. Ele explicava o funcionamento dos talhões, os tipos de adubo e a lógica do mercado financeiro rural. Fred demonstrou uma generosidade gigante ao nunca diminuir a esposa pelos erros iniciais. Quando uma decisão de Malu no campo não trazia o resultado esperado, Fred dizia com calma: “Não tem problema, amor. Pode haver outro jeito de fazer, mas o seu caminho também tem valor”. Essa validação do marido foi o combustível para que Malu não desistisse.

Percebendo que a intuição não bastava, Malu decidiu buscar conhecimento formal.

Inscriveu-se em dezenas de cursos do Senar, participou de palestras técnicas em cidades vizinhas e, aos 40 anos de idade, tomou uma decisão audaciosa: prestou vestibular e ingressou no curso presencial de Administração de Empresas.

Foram quatro anos extenuantes. À noite, Malu estava na faculdade discutindo teorias de fluxo de caixa, gestão de pessoas e direito empresarial. De dia, vestia a botina e ia para o meio da lavoura aplicar o que aprendera, tudo isso enquanto administrava os remédios do filho, o tratamento da filha e a saúde do marido. A “patricinha de Birigui” morria definitivamente para dar lugar a uma administradora rural de alto gabarito.



Na Linha de Frente do Caixa ZERADO

Quando Malu assumiu o controle financeiro efetivo da propriedade, a fotografia das contas era aterradora. A fazenda parecia próspera por fora, com suas terras extensas e maquinário rodando, mas por dentro sangrava em dívidas acumuladas. Renegociações de safras passadas somavam milhões de reais, e o caixa operacional estava zerado.

Houve momentos em que Malu precisou entrar em oficinas mecânicas de Astorga e região sem um único centavo no bolso para



pagar pelo conserto urgente de um trator quebrado em plena colheita. Nesses momentos, a herança moral de Selminha e a elegância de sua criação falavam mais alto. Ela olhava nos olhos dos proprietários das oficinas, expunha a realidade sem esconder as dificuldades e pedia crédito no “fio do bigode”. Honrava cada palavra empenhada. Sua credibilidade tornou-se seu maior ativo.

Com a notícia da doença de FRED, não demorou para que pessoas interessadas

começassem a rondar a fazenda. Corretores e pessoas apareceram com propostas de compra ou subarrendamento das áreas. A fazenda é dos pais do Fred e trabalhamos com contrato de parceira e muitos se apresentavam como se estivessem querendo ajudar, afirmando que, para uma mulher sozinha e com o marido doente, o mais sensato seria vender tudo, quitar as dívidas e voltar para São Paulo. Para eles, aquela era a solução mais simples.

Para Malu, porém, significaria abrir mão de muito mais do que uma fazenda. Aquelas terras carregavam a história da família do Fred e o futuro que eles sonhava construir para os filhos. Por isso, ouviu cada proposta com firmeza e respondeu a todas da mesma forma: um “não” decidido. A fazenda não estava a venda e não se cojitava romper a parceria, porque seu verdadeiro valor jamais poderia ser medido em dinheiro.



Dentro de casa, a crise financeira nunca foi tratada como um segredo vergonhoso. Malu reunia os filhos na mesa da cozinha e expunha a realidade do produtor rural. Explicava que não havia salário fixo no dia 5 de cada mês, que o dinheiro dependia do clima, do dólar e da colheita.

Quando o orçamento apertava de forma dramática, a carne moída com mandioca virava a refeição da semana inteira. E ninguém reclamava. As crianças cresceram com a consciência de que a dignidade da família não estava no luxo das aparências, mas na honestidade com que enfrentavam a tempestade. Quando a colheita terminava e a safra era entregue na cooperativa, os filhos de Malu não perguntavam se iriam ganhar roupas novas ou viagens de férias; a primeira pergunta das crianças era: “Mãe, deu para pagar a cooperativa? Ficamos sem dívida este mês?”.



A Prancheta ao Céu e o “Passou a Régua”

Malu transformou o próprio carro em um escritório itinerante. No banco do passageiro não havia bolsas de grife ou maquiagens, mas pranchas de madeira, calculadoras, mapas de talhões, notas fiscais e a planilha assustadora da grande renegociação bancária que acompanhava a família há mais de uma década.

Ela conferia os números dezenas de vezes. Sabia quanto custava cada saca de adubo, cada litro de diesel e cada hora de trabalho do trator. Aprendeu a negociar diretamente com as multinacionais de insumos e com a diretoria das cooperativas. Cada safra colhida era uma batalha vencida contra os juros e um pedaço da dívida que ficava para trás.

Até que veio aquela manhã inesquecível de sol no interior do Paraná.

Malu estacionou o carro à beira de um dos talhões da fazenda. Pegou a prancheta de madeira, abriu as planilhas e começou a fazer os lançamentos da safra recém-entregue. Somou os recebimentos da cooperativa, abateu os custos de produção, calculou o pagamento dos fornecedores e foi buscar a linha final do contrato de renegociação histórica da atividade.

Fez a conta uma vez. O resultado parecia inacreditável. Refez a conta com calma, checando cada vírgula. Somou novamente.

O saldo devedor era zero. Depois de anos assombrando sua família, a dívida milionária que ameaçara destruir seu patrimônio e colocar em xeque tudo o que havia construído estava, enfim, totalmente paga. Também desaparecia o principal pretexto daqueles que insistiam em duvidar de sua capacidade.



Malu abriu a porta do carro, pisou na terra vermelha e caminhou alguns metros para o meio das plantas de soja. Sozinha, sem plateia e sem discursos, caiu de joelhos no chão. Ergueu a prancheta de madeira em direção ao céu e chorou um choro convulsivo de gratidão profunda. Agradeceu a Deus por ter mantido o marido vivo, por ter salvado o filho no hospital, por ter dado força à sua filha e por ter permitido que uma mulher que veio da moda honrasse a terra da família.

Um prestador de serviços da fazenda, um trabalhador simples que acompanhara de perto os anos de sofrimento e de luta de Malu, observava a cena de longe. Ele não se aproximou enquanto ela orava. Esperou respeitosamente que ela se levantasse e limpasse as lágrimas.

Só então ele caminhou até ela, olhou no fundo de seus olhos e fez uma pergunta de poucas palavras, carregada do sotaque e da sabedoria do campo:

“Dona Malu... passou a régua?”

Malu sorriu com os olhos ainda marejados e respondeu: “Passamos a régua”.

O abraço que se seguiu entre a produtora rural e o trabalhador da terra foi o carimbo final de uma vitória histórica. As dívidas estavam quitadas e a escravidão financeira ficou no passado.

“Eu Tiro o Escudo e Estou Toda Marcada”

A quitação das dívidas e a estabilização da saúde de Fred e dos filhos não fizeram com que Malu cruzasse os braços para desfrutar de uma aposentadoria precoce. Pelo contrário. A superação da dor pessoal gerou nela uma inquietação espiritual e social gigante.

Durante anos, Malu contava a história da cura de Fred e da salvação da fazenda em reuniões locais de agricultores. Um dia, o próprio Fred olhou carinhosamente para ela e disse: “Amor, você precisa parar de falar de mim nas suas conversas. A história agora é sua”. Malu rebateu com a sabedoria que lhe é característica: “Em que momento Deus pediu a alguém que escondesse um milagre?”.

Malu entendeu que seu sofrimento não podia ser inútil. Ela começara a ser procurada por dezenas de mulheres do agronegócio paraense, esposas de produtores que haviam ficado viúvas repentinamente, filhas que eram discriminadas no processo de sucessão familiar e mulheres que assumiram propriedades sem saber por onde começar.

“

Em que momento Deus pediu a alguém que escondesse um milagre ? “

Malu Anchieta

As palestras de Malu começaram a tomar corpo. Mas ela se recusava categoricamente a adotar o tom dos palestrantes motivacionais tradicionais que vendem ilusões de perfeição. Quando subia ao palco em eventos do setor rural, Malu falava com uma honestidade brutal. Costumava dizer uma frase que se tornou sua marca registrada: “Vocês olham para mim aqui arrumada, mas se eu tirar o meu escudo, eu estou toda marcada. Tenho cicatrizes no corpo e na alma”.

Era justamente essa humanidade sem filtros que conectava Malu ao coração das auditórios lotados. Ela não falava de teorias de livros; falava da dor real de quem precisou administrar



uma fazenda com o filho na UTI e o marido em depressão.

Sua mensagem para as mulheres do campo era clara e técnica: não bastava “amar a terra”; era preciso entender de gestão. Malu repetia para as jovens produtoras que reclamavam que os pais machistas não lhes davam espaço: “Pai é pai. Ele não vai te dar espaço porque você pediu. Mas o conhecimento cria conversa. E a conversa abre portas. Quando você sentar à mesa com o seu pai e souber falar sobre o custo da saca de adubo e o valor do frete, ele vai ser obrigado a te escutar como uma gestora”.

As Pontes do Cooperativismo e a Liderança Feminina

A atuação de Malu Anchieta transbordou as fronteiras de Astorga e ganhou projeção estadual. Sua capacidade de liderança natural e seu domínio da gestão rural a levaram a ocupar cargos de alta responsabilidade em instituições históricas do agronegócio.



Passou a integrar com destaque a Comissão Estadual de Mulheres da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), rodando o estado para incentivar a criação de núcleos femininos nos sindicatos rurais. Entrou para a diretoria da Sociedade Rural, onde assumiu a Diretoria de Agricultura, um espaço tradicionalmente ocupado por homens, construindo laços profundos de amizade e trabalho comunitário com lideranças como o presidente Guto e sua



esposa Adriana.

Sua visão sobre o cooperativismo também a levou a conselhos de prestígio, como o Sicredi e o Dexis Instituto. Malu participa ativamente no conselho fiscal, acompanhando indicadores financeiros complexos, auditorias e políticas de crédito rural. Em um desses conselhos, integrou uma formação histórica composta por quatro mulheres, simbolizando a ruptura definitiva de velhos paradigmas no sistema financeiro cooperativo.

No entanto, mesmo frequentando reuniões de alto nível e tratando de milhões em investimentos regionais, Malu nunca permitiu que os cargos apagassem a memória da mulher que um dia entrou numa oficina mecânica pedindo fiado para consertar um trator. Ela usava sua posição não para criar distâncias, mas para

Malu nunca permitiu que os cargos apagassem a memória da mulher que um dia entrou numa oficina mecânica pedindo fiado para consertar um trator. Ela usava sua posição não para criar distâncias, mas para construir pontes.

construir pontes.

Malu percebeu que um dos maiores problemas do campo era o isolamento emocional dos produtores rurais masculinos. “As mulheres perguntam quando têm dúvidas. Os homens guardam”, costuma observar. Ela via como gerações de homens do agro adoeciam em silêncio por não poderem admitir que estavam falindo ou que não sabiam lidar com determinada tecnologia. Ao criar redes de apoio, grupos de troca de informações e encontros humanizados, Malu ajudou a salvar não apenas propriedades, mas vidas de produtores que encontravam



nesses espaços uma válvula de escape para suas angústias.

A Mesa Redonda e a Certeza do Chão

A jornada que começou com um muro de alvenaria em Birigui e atravessou o vale da sombra das doenças e das dívidas no Paraná encontrou seu ponto de chegada exatamente onde tudo começou: dentro de casa.

Hoje, a fazenda vive um período de prosperidade e eficiência operacional. Mas o maior triunfo de Malu e Fred não se mede pelos hectares cultivados ou pelos prêmios de produtividade. O maior triunfo está na reconciliação do tempo familiar.

Fred Filho, o rapaz que enfrentara o risco cardíaco e o diagnóstico de autismo, encontrou no agro o seu território de cura e vocação. O tempo que a depressão do pai roubara na infância, impedindo que jogassem bola ou andassem de bicicleta, foi devolvido pela terra. Fred Filho se matriculou no curso do colégio agrícola, e hoje o jovem caminha ao lado do pai na lavoura, aprendendo o manejo do solo no seu próprio ritmo, com o apoio incondicional da família. Maria Fernanda, superando as dores crônicas, formou-se e se consolidou como uma presença forte e madura, a fortaleza silenciosa que garante o



Quando a família consegue se reunir ao final do dia, existe um ritual sagrado que nada é capaz de interromper: a mesa da cozinha. Na casa dos Anchieta, a televisão permanece desligada e os celulares são deixados longe. É a “mesa redonda” da família. Ali, com uma xícara de café fresco e comida simples, os quatro olham nos olhos uns dos outros. Falam dos erros do dia, planejam os custos da próxima safra e relembram com gratidão as batalhas que venceram juntos.

Hoje, quando Malu entra em casa vinda da lavoura, usando suas botinas pesadas e sujando o piso da cozinha com a terra vermelha do Paraná, ela sorri sozinha. Lembra-se daquela jovem “patricinha” de Birigui que se incomodava com qualquer poeira.

O barro nos sapatos já não é sujeira; é a marca de nobreza de uma mulher que aprendeu que a terra só devolve fruto para quem tem a coragem de fincar raízes e suportar as tempestades.

Malu Anchieta não venceu porque era invencível. Venceu porque, quando o chão faltou, ela se ajoelhou na terra, buscou o conhecimento, protegeu sua família e descobriu que a geometria mais perfeita da vida é aquela desenhada pelo abraço de quatro pessoas que se recusaram a soltar a mão umas das outras.





ASTORGA

Noite histórica com mulheres que transformam o agro brasileiro

O 3º Encontro das Mulheres do Agro reuniu liderança, emoção, conhecimento e conexões verdadeiras em uma noite que mostrou a força feminina ocupando, com naturalidade e competência, os espaços mais importantes do agronegócio.

Promovido pelas mulheres da Comissão Feminina da Sociedade Rural de Astorga, ao lado de parceiros que acreditam na força feminina dentro do agronegócio, o 3º Encontro das Mulheres do Agro de Astorga e Região transformou o dia 22 de maio em algo muito maior do que um evento do calendário agropecuário paranaense.



Prestigiar o evento, a convite de Malu Anchietta e Adriana Aguilar, foi acompanhar de perto uma transformação silenciosa que cresce em todo o Brasil rural.

Desde as primeiras horas da tarde, já era possível perceber que havia algo diferente acontecendo em Astorga. Os corredores carregavam conversas intensas, reencontros demorados, olhares atentos e aquela atmosfera rara que mistura admiração, aprendizado e troca verdadeira de experiências.

Estiveram presente várias autoridades entre elas a Suzie Pucillo, prefeita de Astorga, Natalia Lembi, presidente da Câmara de Vereadores e a Deputada estadual Flavia Francischini e dezenas de cidades do Paraná e ainda empresárias de Holambra, com apoio decisivo do presidente da Sociedade Rural de Astorga, Antonio Augusto, o Guto, que esteve presente incentivando e fortalecendo a realização do encontro desde os primeiros passos, o evento consolidou uma realidade que cresce silenciosamente dentro do agro brasileiro: a presença feminina cada vez mais forte nos espaços de



liderança, gestão, sucessão familiar, empreendedorismo e tomada de decisões dentro e fora da porteira.



E talvez o mais interessante tenha sido perceber que ninguém precisava provar mais nada para estar ali.

As mulheres presentes carregavam a segurança de quem conhece a rotina do campo, administra propriedades, lidera equipes, enfrenta desafios diários e participa diretamente das transformações que redesenham o agro-negócio moderno.

No centro dessa construção esteve Thaciana Reis.

Mais do que conduzir o evento, deu ritmo à noite. Com naturalidade elegante e uma leitura precisa do ambiente, conseguiu transformar a programação em algo leve, próximo e profundamente humano. Não havia excessos. Não havia artificialidade. Havia presença.

Thaciana parecia compreender não apenas os tempos do palco, mas também as emoções



da plateia. Em muitos momentos, o protocolo desaparecia e dava lugar à sensação de que todas ali compartilhavam histórias parecidas, mesmo vindas de realidades diferentes.

Leandra Leite trouxe profundidade ao encontro. Sua participação caminhou entre liderança, gestão e fortalecimento feminino dentro do agronegócio, mostrando que firmeza não exige endurecimento e que competência não precisa vir acompanhada de arrogância.

Quando Laís Bervind iniciou sua palestra, o auditório mergulhou em um silêncio raro. Não o silêncio formal dos eventos tradicionais, mas aquele silêncio genuíno de quem realmente deseja ouvir.

Sua fala apresentou um agro moderno, conectado ao futuro, mas sem perder a essência humana que sustenta a vida no campo. Laís falou sobre atitude, posicionamento e transformação pessoal sem recorrer a frases prontas. Falou como quem vive o que diz.

Já Sirlei Benetti transformou sua palestra em



um daqueles momentos que permanecem na memória mesmo depois que as luzes se apagam. Sua fala encontrou identificação imediata no público. Em vários momentos, era possível perceber mulheres emocionadas, concordando discretamente com a cabeça ou simplesmente permanecendo em silêncio, absorvendo cada reflexão.

As palestras não foram apenas apresentações. Foram relatos de vida transformados em aprendizado coletivo.

E ainda pra não dizer do Marcos Peres, Churrasco Raiz Assados, com aquela costela derreten-



do e muito saborosa, tudo feito com carinho.

E quando a programação parecia já ter entregue tudo o que podia, a música mudou completamente a atmosfera do espaço. Ao som contagiante da dupla Luciano e Leonardo, o encontro ganhou novos contornos. O palco ficou mais leve, os corredores mais vivos e os sorrisos mais soltos.

A storga viveu uma noite daquelas que não se resumem ao evento em si.

Enquanto muitos encontros do agro ainda insistem em discutir apenas produtividade, máquinas e mercado, o Encontro das Mulheres do Agro mostrou que o futuro do setor também passa pelas relações humanas, pela comunicação, pela capacidade de liderança e pela presença feminina cada vez mais decisiva dentro da porteira e fora dela.

Uma transformação feita de mulheres que não pedem espaço. Ocupam.



E ao final da noite, quando os últimos abraços se misturavam às despedidas e o movimento começava lentamente a diminuir, permanecia no ar aquela sensação rara de que algumas datas não terminam quando o evento acaba.

Elas continuam ecoando na memória de quem esteve presente.

O dia 22 de maio, em Astorga, certamente escolheu permanecer.



PROGRAMAÇÃO



25 DE SETEMBRO

Das 15 às 22 horas;

VILA AGRO – Feira de Negócios; Casa Mulher do Agro;

17:30h – PAINEL INTERNACIONAL – Mulheres Produtoras Rurais e a Cooperação internacional: Liderança, segurança alimentar e alianças para o Desenvolvimento;

Mediação Dra Kaline Zeni – CEO da Apex Coop Academy
Participação de representantes estrangeiras debatendo temas relevantes do agronegócio;

19h – Roda de conversa;

20h – Apresentações culturais;

///// Aberto ao público



PROGRAMAÇÃO



26 DE SETEMBRO

08h – Credenciamento, Café de Boas vindas;

09h – Abertura Oficial;

09:30h – Palestra “O QUE NÃO É DITO TAMBÉM DECIDE” –
Diandra A. Chiamenti e Taciana Vizolli;

10:40h – Palestra;

11h – Painel “ONDE A TERRA ENCONTRA A CIÊNCIA NASCE
O CELEIRO”. Painelistas Leandra Miglioranza, Emili
Zanetti, Maria Luise Batz. Mediadora Dulce Cenci;

12h – Almoço – Networking – Apresentações culturais –
desfile – música ao vivo;

14h – palestra;

14:30h – PAINEL “Do Legado à Gestão: Como
Profissionalizar a Propriedade da Família”;

15:30h – Palestra “DECIDA VENCER” – EDNA VASSELO
GOLDONI;

16:30h – Happy hour com música ao vivo;

17h – Encerramento;





EXPOCITROS 2026

Expocitros 2026 celebra a força da ciência, do produtor e do futuro da citricultura brasileira

A abertura da 51ª Expocitros, da 47ª Semana da Citricultura e do 57º Dia do Citricultor, realizada em Cordeirópolis (SP), confirmou por que o evento é considerado um dos principais encontros da citricultura latino-americana. Mais do que uma feira tecnológica, a Expocitros voltou a reunir ciência, inovação, negócios e reconhecimento em um ambiente onde pesquisadores, produtores, empresas e instituições compartilham um mesmo propósito: construir o futuro da citricultura brasileira.

Com mais de 80 expositores, a programação destacou temas como sustentabilidade,



bioinsumos, inteligência artificial, automação, manejo fitossanitário, produtividade e o enfrentamento ao greening, reforçando o protagonismo da pesquisa científica diante dos desafios do setor.

A cerimônia de abertura reuniu importantes lideranças, entre elas o ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues, o secretário estadual de Agricultura Geraldo Melo Filho, a prefeita de Cordeirópolis Cristina Saad e o diretor do Centro de Citricultura Sylvio Moreira, Dirceu Mattos Junior.

Uma Expocitros construída por pessoas

Ao abrir oficialmente o evento, Dirceu Mattos Junior definiu a Expocitros como um verdadeiro sistema integrado de colaboração, reunindo pesquisadores, produtores, empresas e instituições em torno da inovação e da construção conjunta de soluções para a citricultura.

Também destacou o compromisso ambiental da feira, que mantém sua condição de evento carbono neutro, e resumiu a filosofia que vem conduzindo a evolução da Expocitros:



"Nós não precisamos buscar ser o primeiro. Nosso propósito é ser melhor que o ano anterior."

A frase sintetizou o espírito da edição de 2026: evolução permanente, cooperação e valorização das pessoas.



Um legado para a ciência

Entre os momentos mais marcantes da abertura esteve a inclusão do pesquisador Walter dos Santos Soares Filho no Hall da Fama da Citricultura Brasileira, por meio do Prêmio GCONCI 2026.

Referência nacional em genética e melhoramento de citros, Walter dedicou quase cinco décadas ao desenvolvimento de porta-enxertos mais resistentes, produtivos e adaptados às condições brasileiras, contribuindo diretamente para a sustentabilidade da citricultura nacional.

Ao receber a homenagem, emocionou o auditório ao resumir sua trajetória em uma frase que rapidamente se tornou um dos símbolos da cerimônia:

"Ninguém chega aqui sozinho. A gente chega carregado por muitas pessoas."

Mais do que reconhecer uma carreira científica extraordinária, a homenagem celebrou a construção coletiva do conhecimento e o papel da pesquisa no fortalecimento do agro brasileiro.

Ciência que transforma o campo

A pesquisa voltou a ser protagonista com a entrega do prêmio Engenheiro Agrônomo Destaque da Citricultura ao pesquisador Hamilton Humberto Ramos, um dos maiores especialistas brasileiros em tecnologia e segurança na aplicação agrícola.

Pesquisador científico do Instituto Agronômico desde 1994, Hamilton ajudou a modernizar a citricultura por meio de estudos sobre tecnologia de pulverização, eficiência das aplicações, redução do volume de calda e segurança no uso de defensivos agrícolas. Seu trabalho



também alcançou milhares de trabalhadores rurais por meio de programas de capacitação e contribuiu para o desenvolvimento de protocolos e normas que hoje são referência nacional.



Ao receber o prêmio, definiu sua relação com a pesquisa em uma frase simples, mas carregada de significado:

"Faz mais de 40 anos que eu faço o que gosto. E quando a gente faz o que gosta, não é trabalho, é prazer."

Em um dos momentos mais emocionantes de sua fala, dedicou a homenagem ao professor Tomomassa Matu, a quem atribuiu sua inspiração para seguir na área de tecnologia de aplicação agrícola, reforçando que o conhecimento também se constrói pela generosidade de quem ensina.

A homenagem ao homem do campo

A emoção tomou conta novamente do auditório durante a homenagem do **Dia do Citricultor ao produtor José de Alencar Matta .

Sua história representa a trajetória de milhares de agricultores brasileiros que construíram suas vidas com trabalho, coragem e perseverança. Filho de imigrantes espanhóis, iniciou sua caminhada ainda jovem e transformou uma pequena propriedade adquirida com muito sacrifício em uma história de sucesso na citricultura.

Ao subir ao palco acompanhado da família, resumiu décadas de dedicação em poucas palavras:

"Essa homenagem não é só minha. É de muitos amigos que me ajudaram muito mesmo."

Com a voz embargada, completou:

"Desculpe, mas eu estou emocionado."

O silêncio que tomou conta do auditório mostrou que sua simplicidade dizia mais do que qualquer discurso. Era o reconhecimento de todos



aqueles que fazem da terra seu projeto de vida.

Uma vida dedicada ao agro brasileiro

Outro dos grandes momentos da abertura foi a entrega da **Medalha do Mérito Científico Dom Pedro II** ao professor **Roberto Rodrigues**, uma das personalidades mais influentes da história do agronegócio brasileiro.

Engenheiro agrônomo, ex-ministro da Agricultura, ex-secretário de Agricultura do Estado de São Paulo, líder cooperativista, professor, criador da Agrishow e embaixador especial da ONU para Agricultura e Alimentação, Roberto Rodrigues recebeu uma homenagem que simbolizou décadas de dedicação ao desenvolvimento da agricultura nacional.

Em uma fala marcada pela emoção, afirmou que nunca trabalhou em busca de reconhecimento, mas por paixão pelo agro.

"Tudo o que eu fiz foi porque amo a agricultura. Nunca me custou trabalhar pelo agro, porque sempre trabalhei com alegria, convicção e paixão."

Ao refletir sobre o cenário mundial, demonstrou confiança no futuro do Brasil e destacou o papel estratégico do país na produção de alimentos e energia.

"As crises passam. O Brasil será cada vez mais relevante porque pode oferecer ao mundo aquilo de que ele mais vai precisar: alimento e energia."

Encerrando sua participação, deixou uma mensagem otimista que arrancou longos aplausos do público:

*"O futuro será extraordinário. Portanto, fiquemos vivos, porque o futuro não interessa aos mortos."

Uma vida dedicada ao agro brasileiro

Outro dos grandes momentos da abertura foi a entrega da Medalha do Mérito Científico Dom Pedro II ao professor Roberto Rodrigues, uma das personalidades mais influentes da história do agronegócio brasileiro.

Engenheiro agrônomo, ex-ministro da Agricultura, ex-secretário de Agricultura do Estado de São Paulo, líder cooperativista, professor, criador da Agrishow e embaixador especial da ONU para Agricultura e Alimentação, Roberto Rodrigues recebeu uma homenagem que simbolizou décadas de dedicação ao desenvolvimento da agricultura nacional.

Em uma fala marcada pela emoção, afirmou que nunca trabalhou em busca de reconhecimento, mas por paixão pelo agro.

"Tudo o que eu fiz foi porque amo a agricultura. Nunca me custou trabalhar pelo agro, porque

sempre trabalhei com alegria, convicção e paixão."

Ao refletir sobre o cenário mundial, demonstrou confiança no futuro do Brasil e destacou o papel estratégico do país na produção de alimentos e energia.

"As crises passam. O Brasil será cada vez mais relevante porque pode oferecer ao mundo aquilo de que ele mais vai precisar: alimento e energia."

Encerrando sua participação, deixou uma mensagem otimista que arrancou longos aplausos do público:

"O futuro será extraordinário. Portanto, fiquemos vivos, porque o futuro não interessa aos mortos."



Muito além de uma feira

Ao longo da manhã, a Expocitros mostrou que seu maior patrimônio vai além da tecnologia exposta nos stands ou das pesquisas apresentadas nos auditórios.

A ciência representada por Walter dos Santos Soares Filho e Hamilton Humberto Ramos, a força do produtor simbolizada por José de Alencar Matta, a visão estratégica de Roberto Rodrigues e a liderança de Dirceu Mattos Junior revelaram diferentes faces de uma mesma história.

A história de um setor que cresce porque valoriza o conhecimento, respeita quem produz e acredita que inovação só faz sentido quando melhora a vida das pessoas.

Mais do que abrir oficialmente mais uma edição



da Expocitros, a cerimônia reafirmou uma certeza: o futuro da citricultura brasileira continuará sendo construído pela união entre pesquisa, tecnologia, trabalho e cooperação. É justamente essa combinação que mantém o Brasil na liderança mundial e faz da Expocitros um dos mais importantes encontros do agronegócio nacional.

Procurando a grama ideal para o seu jardim?
FAÇA O SEU ORÇAMENTO!

Gi Gramas Invernadinha
aqui tem esmeralda!

Telefone: (17) 9979-2883 Av. 25, nº 700 – Bairro Maracá



DIA DE CAMPO: DEDEAGRO E MORGAN

Tecnologia, visão de futuro e o milho que segue se reinventando

Mesmo com o céu fechado e a chuva insistindo em marcar presença, o campo mostrou mais uma vez sua força. Neste último dia 13 de junho, na fazenda de Paulo Dedemo, em Guairá, produtores da cidade e de toda a região aceitaram o convite da Dedeagro e da Morgan Sementes para acompanhar de perto um encontro que foi muito além de uma apresentação técnica.

Foi um daqueles dias que ajudam a lembrar por que o agronegócio continua avançando: troca de experiências,



tecnologia aplicada e a certeza de que produtividade começa muito antes da colheita.

E um dos momentos mais marcantes do encontro veio nas palavras de João Dedemo, sócio e diretor da Dedeagro.

Ao receber os convidados, ele fez questão de agradecer a presença dos produtores que enfrentaram o clima para participar e destacou que eventos como esse só fazem sentido quando entregam conhecimento capaz de gerar resultado dentro da porteira.

Em sua fala, João chamou atenção para algo que considera decisivo para o futuro da agricultura: o avanço da pesquisa e do desenvolvimento é o que permite ao produtor enfrentar cenários cada vez mais desafiadores, com materiais mais resistentes e tecnologias que ampliam eficiência e retorno.

Outro ponto que recebeu destaque foi o cenário promissor para a cultura do milho no Brasil.

João Dedemo ressaltou o crescimento da produção de etanol de milho no país e como essa transformação vem criando uma nova dinâmica de demanda para o setor. Além do combustível, destacou o valor agregado dos coprodutos utilizados na alimentação animal, abrindo novas possibilidades econômicas para a cultura.

Para ele, o milho ganha força como uma alternativa cada vez mais estratégica dentro do sistema produtivo brasileiro.

Rodrigo Covalski | Morgan

Se o encontro promovido pela Dedeagro e Morgan teve um olhar voltado para o futuro do milho, parte dessa visão veio da fala de Rodrigo



Covalski, coordenador regional da Morgan.

Mesmo com a chuva acompanhando a manhã de campo, Rodrigo destacou a presença dos agricultores e reforçou que momentos como esse aproximam tecnologia e tomada de decisão dentro da propriedade.

Segundo ele, o objetivo foi apresentar o novo momento da empresa, marcado por uma renovação genética pensada para ampliar produtividade, segurança e adaptação em diferentes cenários de cultivo.

Entre os destaques, lembrou a trajetória do MG540, hoje um dos híbridos mais consolidados da Morgan no Brasil e que ultrapassou a marca de um milhão de sacos plantados. Para Rodrigo, o material representou uma mudança importante dentro do portfólio, trazendo nova arquitetura de planta, melhor aproveitamento de luz e alto potencial produtivo.

Mas o foco também esteve nos próximos passos da empresa.

Rodrigo destacou a chegada dos novos híbridos MG586, MG676, MG590 e, principalmente, do MG655, apresentado como um dos materiais de maior potencial produtivo da Morgan, especialmente para

plantios de verão e abertura de safrinha.

Ao encerrar sua participação, deixou uma mensagem que resumiu o espírito do encontro: tecnologia gera resultado, mas é a parceria com o produtor que transforma inovação em produtividade.

Bruna Soares | Morgan

Se o agro hoje exige genética de ponta, ele também exige entender profundamente cada ambiente produtivo. E foi justamente esse olhar regional que Bruna Soares, do time de Desenvolvimento de Produtos da LongPing High-Tech, levou ao encontro promovido pela Dedeagro e Morgan Sementes em Guaíra.

Com atuação no norte e noroeste paulista, Bruna explicou que o trabalho da empresa vai muito além do lançamento de híbridos. Existe um processo contínuo de pesquisa



e validação regional, onde cada material é desenvolvido e testado pensando nas necessidades específicas de cada território.

Segundo ela, Guaíra ocupa papel importante nesse processo, com áreas experimentais que permitem acompanhar o comportamento dos materiais antes mesmo de chegarem ao mercado.

Outro destaque foi a evolução do tratamento industrial de sementes (TSI). Bruna explicou que, por atuar exclusivamente com sementes, a Morgan consegue avaliar diferentes tecnologias e construir combinações focadas em entregar mais proteção e segurança desde o início do ciclo.

Nos últimos anos, os estudos concentraram esforços em doenças de solo, sanidade foliar e manejo de nematoides, buscando ampliar o desempenho dos híbridos em cenários cada vez mais desafiadores.

Mas ela reforçou um ponto importante: tecnologia não substitui manejo, ela potencializa resultados.

Entre os lançamentos apresentados, Bruna destacou os híbridos MG586, MG676 e MG590, materiais desenvolvidos para ampliar estabilidade e potencial produtivo.

O MG590 recebeu atenção especial. Segundo ela, o material chamou atenção justamente em cenários extremos enfrentados recentemente na região, mostrando capacidade de manter estrutura e desempenho mesmo sob altas temperaturas e longos períodos de estresse.

Ao encerrar, Bruna deixou uma mensagem clara: antes de um híbrido chegar ao produtor, existe um longo caminho entre pesquisa, validação e observação de campo. E é exatamente nesse processo que a Morgan aposta

para continuar evoluindo ao lado da agricultura.

Rayan Cardoso | Morgan

Representando a Morgan durante o encontro, Rayan Cardoso abriu sua participação agradecendo aos produtores que, mesmo com o tempo chuvoso, estiveram presentes para acompanhar as novidades apresentadas no campo.



Segundo ele, eventos como esse reforçam um dos grandes diferenciais do agro: o produtor que dedica tempo para participar de um dia técnico continua apostando no conhecimento como ferramenta para produzir melhor.

Na apresentação, Rayan destacou que o momento vivido pela Morgan é de renovação tecnológica, reunindo materiais já

consolidados no mercado com uma nova geração de híbridos pensados para ampliar produtividade, adaptação e segurança no campo.

Entre os destaques, lembrou a trajetória do MG540, hoje um dos híbridos mais consolidados da marca no Brasil, reconhecido pela estabilidade produtiva, adaptação e desempenho em ambientes de maior investimento.

Também ressaltou o papel do MG593, material que vem demonstrando consistência especialmente em áreas de sequeiro e em janelas intermediárias e finais de plantio.

Mas, segundo ele, o foco também está no futuro.

Rayan apresentou o novo momento da empresa, marcado pela chegada de tecnologias e pelo fortalecimento do tratamento industrial de sementes, desenvolvido para atender aos desafios específicos de cada híbrido e entregar mais segurança desde o início do ciclo.

Ao encerrar, reforçou que o compromisso da Morgan permanece o mesmo: continuar evoluindo sem abrir mão da proximidade com o produtor, unindo inovação, adaptação regional e resultado dentro da lavoura.

DedeAgro Mix+

Mateus Dedemo, representante da nova geração da Dedeagro, e Ricardo Fernandes, Gerente Comercial Regional, apresentaram aos produtores o projeto DedeAgro Mix+, iniciativa construída para oferecer soluções desenvolvidas a partir da realidade do campo e das necessidades da região.

Ao compartilhar os resultados iniciais da linha Mix+, destacaram que, após o primeiro ano de lançamento comercial, o projeto já

alcançou mais de 240 produtores, consolidando uma aceitação muito positiva e, até o momento, sem registro de problemas relacionados à mistura ou aplicação, reforçando a confiança construída junto aos clientes.

Segundo Mateus, o diferencial está justamente no desenvolvimento de formulações pensadas para as condições regionais, elaboradas em conjunto com consultores e apoiadas por parceiros que compartilham dos mesmos princípios de qualidade, responsabilidade e compromisso com o desempenho no campo.

A linha foi estruturada para acompanhar diferentes momentos do desenvolvimento das culturas, atendendo desde o fortalecimento vegetativo até etapas ligadas ao fornecimento de energia e à qualidade final da produção, sempre com foco em eficiência,

praticidade e melhor aproveitamento nutricional.

KASUMIN

Além dos lançamentos em genética, o encontro também abriu espaço para discutir um tema que vem ganhando cada vez mais atenção dentro da cultura do milho: o manejo do complexo de enfezamento.

Durante a apresentação, representantes da UPL mostraram o Kasumim como uma ferramenta complementar dentro do sistema de manejo, reforçando que a proposta não substitui práticas já utilizadas no campo, mas busca agregar proteção ao potencial produtivo da lavoura.

Segundo os técnicos, à medida que os híbridos evoluem e aumentam sua capacidade produtiva, cresce também a importância de





preservar esse desempenho ao longo do ciclo.

Também foram apresentados resultados regionais acompanhados tecnicamente, com observações relacionadas à manutenção da estrutura das plantas, uniformidade das espigas e redução dos impactos associados ao enfezamento.

Ao final, ficou uma mensagem clara aos produtores: produtividade elevada exige manejo integrado, e o avanço da agricultura continua acontecendo quando genética, tecnologia e observação de campo caminham juntas.

E, como acontece nos bons encontros do agro, depois das apresentações, das

conversas técnicas e da troca de experiências no campo, veio o momento de confraternizar.

Numa organização impecável, tudo muito bem organizado, Ricardo Fernandes, Gabriel Dutra e Caio Andrade de Faveri, Assistente Técnico Comercial, foram responsáveis pela montagem, condução e organização do evento a campo. Além, é claro, de receber todos com uma simpatia e atenção que são marcas deles.

Os convidados foram recebidos para um almoço preparado com muito cuidado e que certamente ficará na memória de quem participou. Uma costela feita no capricho pela equipe da Reluz Eventos, na pessoa de Luiz Sergio Moris, o carinho da Fran e equipe do Bem Me Quer em cada detalhe e, para completar o clima de celebração, a dupla Gabriel e Marcus trouxe música e leveza para encerrar o encontro.

Entre tecnologia, visão de futuro e boas conversas, o dia terminou reforçando algo que o produtor já conhece bem: grandes resultados começam muito antes da colheita; começam quando conhecimento, parceria e campo caminham juntos.









O quente da
diversão é aqui.

ÁGUA QUENTE
natural.
36,7 °C

Ubatã
Thermas Parque
Hotel

ubatan.com.br



(34) 3318 6700
(34) 3315 6699

**É HORA DE
SONHAR ALTO.**

Promoção

Poupança premiada

 **Sicredi**

R\$ 5

**milhões
em prêmios**

**MAIS DE 600
CHANCES DE GANHAR!**

**TODA SEMANA:
15 PRÊMIOS DE R\$ 5 MIL**

**2 PRÊMIOS ESPECIAIS
DE R\$ 1 MILHÃO**
(Em julho e em dezembro)



Cada R\$ 100 poupados
= **1 número da sorte**



Poupança Programada
= **números em dobro**

 **Sicredi**

NÚMEROS DA SORTE E REGULAMENTO EM poupancapremiadasicredi.com.br

Promoção válida para as Cooperativas Sicredi da Central Sicredi PR/SP/RJ. Promoção comercial vinculada a Títulos de Capitalização da modalidade Incentivo emitidos pela ICATU CAPITALIZAÇÃO, CNPJ nº 74.267.170/0001-73 e Processos SUSEP nº 15414.675659/2025-96 / 15414.600363/2026-01 / 15414.600360/2026-69 / 15414.675665/2025-43. Período: 23/02/2026 a 12/12/2026. Durante toda a promoção, serão sorteados até R\$ 5.000.000,00 em prêmios, líquidos de Imposto de Renda. Consulte previamente as condições gerais e as características essenciais em www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-produtos-susep. Para mais informações sobre os prêmios e a promoção, acesse o regulamento em www.poupancapremiadasicredi.com.br. SAC Sicredi: 0800 724 7220. SAC ICATU: 0800 2860109 (atendimento exclusivo de informações relativas ao sorteio de capitalização). Ouvidoria ICATU: 0800 286 0047 (tenha em mãos o número de protocolo do atendimento anterior).